

O mesmo e o outro: Saussure e a AD

Mônica Nóbrega¹

O presente artigo faz uma reflexão acerca da relação entre a concepção saussuriana de língua e a noção de discurso que Pêcheux propõe seja a da Análise de Discurso na sua terceira fase. Começaremos apresentando um rápido resumo das três fases da AD, com ênfase para as diferentes concepções de discurso que marcam cada uma delas. Passaremos, então, à consideração da concepção de língua em Saussure, através da discussão das noções de identidade sincrônica, valor lingüístico e relações paradigmáticas e sintagmáticas; além das considerações feitas por ele, na época dos seus estudos sobre os Anagramas, que corroboram com a hipótese central deste artigo, ou seja, a de que em Saussure, a língua, enquanto sistema, comporta uma estrutura que, ao mesmo tempo em que se apresenta como estável, contém o múltiplo, o instável ou, como o queria Pêcheux, estrutura que comporta tanto o *mesmo* quanto o *outro*.

I. Análise do Discurso: Três momentos

Em um primeiro momento, a AD foi marcada por uma concepção de discurso enquanto "máquina discursiva", um momento de fechamento dos diversos tipos de discursos que só se relacionavam entre si de maneira justaposta. Era o momento mais expressivo da tentativa de resposta de Pêcheux ao marxismo (notadamente ao althusseriano), colocando a possibilidade do discurso representar o elemento teórico da manifesta-

¹ Professora da Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda em Letras - PUCRS. E-mail: monicanc@zaz.com.br

ção do assujeitamento do sujeito.

No que foi considerado seu segundo momento, a AD, influenciada pela idéia de formação discursiva de Michel Foucault, passa a considerar as máquinas discursivas como constitutivamente "invadidas" umas pelas outras e não mais, portanto, como simples efeito de justaposição. Na visão de Pêcheux (1990a), essa segunda fase é problemática porque levanta a questão do limite tênue entre as formações discursivas, colocando em cheque não apenas a possibilidade de existência de identidade nas FDs mas, também, a própria noção de formação discursiva. Entretanto, é exatamente este problema que dá impulso para um novo momento da AD.

A marca da terceira fase está presente, segundo Pêcheux (op. cit.), na acentuação do primado teórico do outro sobre o mesmo. Acentuação porque, como vimos, esse primado começa a ser delineado no segundo momento da AD, com a noção de formação discursiva. No livro "Discurso: estrutura ou acontecimento?" (1990b), Pêcheux faz uma análise mais exaustiva das transformações pelas quais vinha passando a AD e aponta caminhos para esta que chama de sua terceira fase. Nele, podemos encontrar Pêcheux fazendo um brilhante trabalho de crítica principalmente à ligação da AD a um fechamento paradoxal que ele chamou de "narcisismo da estrutura", pois, ao mesmo tempo em que a AD permitia desmontar a idéia de um sujeito pleno, senhor da linguagem e do sentido, o prendia em uma rede de discursos que o sufocava, que não permitia sua irrupção. O discurso, preso nas malhas da estrutura, coloca no sujeito a máscara de uma história que o deixa imobilizado, incapaz de "respirar", incapaz de fazer intervir no próprio curso do discurso suas marcas.

Estas amarras - que o próprio momento histórico de surgimento da AD permite compreender sem que pareçam um contra-senso - precisam ser superadas neste terceiro momento para que se possa perceber melhor o aparecimento do acontecimento na estrutura, da singularidade na regularidade, do outro no mesmo, não como movimentos estanques mas complementares.

Parece-nos claro que, neste terceiro momento, como em todos os outros, há um conceito central, o de discurso, marcado

por um outro que exige reformulações: o de estrutura. É o que assinala Leite (1994: 174), ao dizer que

"o valor do livro Discurso: estrutura ou acontecimento ultrapassa o fato de testemunhar deslocamentos que vinham já se operando no interior das análises e construções teóricas, residindo no apontamento de uma direção que exige a reformulação do conceito mesmo de estrutura, bem como a necessidade de pensar, como consequência, as relações entre língua e discurso. Mais ainda, é de uma língua afetada por um real, impossível de se escrever, vale dizer, de ser simbolizado, que se trata".

É importante lembrar o contexto histórico dessa reflexão que faz Pêcheux² sobre a estrutura pois, segundo Dosse (1993), no início dos anos 80, com a morte de seus principais representantes (Foucault, Althusser, Barthes, Lacan ...), o estruturalismo é abalado, parece mesmo naufragar. Entretanto, ele lembra que o que poderia ser um naufrágio, passou a representar um momento de revisão e reformulação de questões fundamentais. Voltemos à reflexão de Pêcheux para entendermos melhor que pontos são evocados, nessa "revisão" da noção de estrutura e, necessariamente, da de discurso.

Uma reflexão importante, que precede e marca a discussão da noção de discurso nessa terceira fase é a que Pêcheux faz acerca do apego da AD ao marxismo, remetendo a um tempo em que

"os marxistas pensavam poder construir tudo por si mesmos: a economia, a história, a filosofia, a psicologia, a lingüística, a literatura, a sociologia, a arte..." (Pêcheux, 1990b: 15).

Assim, para a AD, no contexto em que nasceu, era quase impossível, em um primeiro momento, não estar presa às amarras do marxismo. Afinal, era uma época em que, segundo Dosse (op. cit.), era impossível, para os intelectuais, não serem marxistas. Entretanto, mais do que explicar a relação AD/marxismo, Pêcheux parece justificar seu silêncio acerca da relação AD/psicanálise, doravante explicitamente reconhecida. Afinal,

² Imprescindível lembrar que a obra original data de 1988 e que 1990 é a data da publicação brasileira.

para ele, o tempo solitário do marxismo havia passado e, agora, ele (o marxismo) procura casar-se ou contrair relações extra-conjugais. Portanto, o velho marxista da história que nos conta Pêcheux (1990b), logo no início do livro, parece ser ele mesmo, em busca de contrair relações com outras ciências para melhor explicar os fenômenos discursivos. Mas, em que, como foi dito antes, essa reflexão precede e marca a discussão sobre a noção de discurso nessa obra de Pêcheux? É ao próprio Pêcheux que recorreremos para responder a tal pergunta.

Ao vislumbrar um novo projeto para a AD, Pêcheux coloca algumas exigências para que o mesmo possa ser realizado. Uma delas é acerca da descrição das materialidades discursivas que, segundo ele (op. cit.: 50),

"supõe o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela se instala: o real da língua Eu disse bem: a língua. Isto é, nem linguagem nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos lingüistas como a condição de existência (de princípio), sob a forma da existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan."

É, portanto, por ter permitido à AD "contrair relações extra-conjugais" com a psicanálise que Pêcheux pôde chegar a sugerir uma outra relação, mais específica, que é a da lingüística com a psicanálise, através dos nomes de Jakobson e Lacan. Ele vai mais além e propõe que a pesquisa lingüística aborde "o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc..." (Pêcheux, *ibidem*). O que chama aqui de "próprio da língua" é, depois, descrito como o objeto da lingüística. Objeto que

"aparece atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas... e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações" (Pêcheux: op. cit.: 51).

Está, então, delineada a noção de discurso para a terceira fase da AD, ou seja, a de um objeto que é constituído, ao mesmo tempo, por regularidades (estrutura) e por singularida-

des (acontecimento), por um movimento no qual o *mesmo* e o *outro* coexistem em um mesmo ambiente.

Como bem o disse Pêcheux, a AD deve dar conta da noção de língua conforme concebida por Jakobson e Lacan. Ora, onde está a base para a noção de língua que permeia os trabalhos desses dois estudiosos? Não será em Saussure? É, portanto, como o dissemos no início, objetivo deste artigo mostrar que nos estudos do mestre genebrino já estava presente a possibilidade de ver que na língua o estável suporta, sempre, a instabilidade, que há, já em Saussure, portanto, a idéia de que a palavra ao mesmo tempo em que é uma – por exigência da cadeia sintagmática – indica que é múltipla, pois resultado de um processo de escolha – cadeia paradigmática. Múltiplo este que, ao mesmo tempo em que não pode ser "resgatado", apreendido como um todo, também não está "perdido" por completo, já que manifestações suas podem ser verificadas na cadeia sintagmática. Teríamos, assim, na estrutura lingüística, a presença de uma certa estabilidade e a indicação de uma instabilidade em parte recuperável. Não é este o movimento do *mesmo* e do *outro* reivindicado por Pêcheux para a AD?

II. A publicação do CLG: algumas considerações

O CLG é uma obra no mínimo polêmica tendo em vista, principalmente, o fato de não ter sido publicada por aquele cujas idéias diz-se estarem neste livro. Arrivé (op. cit.: 32), falando de semelhanças editoriais entre Saussure e Lacan, diz, de Saussure, que não publicou o que escreveu (Os anagramas) e não escreveu o que foi publicado como dele (CLG). Tullio de Mauro (1969), por sua vez, acredita que Saussure e suas intenções permanecem um enigma e que o CLG não foi publicado para responder às interrogações que ficaram com a sua morte. Entretanto, ressalta que, se ainda hoje se propusesse a tarefa de condensar em uma única obra as fontes manuscritas, dificilmente o faria melhor que os editores do *Curso*. É também Tullio de Mauro (op. cit.) quem ressalta que um pouco do "enigma" deixado por Saussure começa a ser desvendado com a publicação, feita por Godel, de notas de alunos, relativas aos cursos de lingüística geral ministrados por Saussure, de manuscritos

saussurianos inéditos e de outras fontes manuscritas, além da análise, também feita por Godel, das fontes manuscritas do CLG. Bastante esclarecedora, também, é a edição crítica do CLG (1967³), preparada por Tullio de Mauro com comentários feitos com base nas publicações de Godel.

III. A identidade lingüística

Está claro, para Tullio de Mauro (1969), depois do trabalho de Godel, o ponto de partida das reflexões de Saussure, ou seja, descobrir o que faz com que uma língua seja como tal reconhecida, surgindo, então, o problema da identidade lingüística. Saussure escreve a Meillet, uma carta, em 1894 (Arrivé, op. cit.: 120), na qual já demonstra a preocupação em ordenar e esclarecer os fatos lingüísticos que não o deixará durante toda a sua pesquisa.

Antes de Saussure (e Tullio de Mauro (op. cit.) assegura que depois também), dois eram os caminhos pelos quais se tentava resolver o problema da identidade lingüística: a via formalista (que Saussure via como a preferida pelos lingüistas) e a conteudística (mais cara aos filósofos).

Os formalistas acreditam que "a identidade de uma forma lingüística é garantida pela identidade ou semelhança do material acústico de que ela é feita" (Tullio de Mauro, op. cit.: 123). Esta posição, comenta o autor, é fraca, tendo em vista que o material lingüístico nunca é idêntico sob o plano puramente acústico.

Os conteudistas, por sua vez, dizem que

"é verdade que de um ponto de vista acústico uma palavra não é jamais idêntica a si mesma nem do ponto de vista sincrônico nem, muito menos, do ponto de vista diacrônico. Entretanto, ela permanece a mesma porque denota sempre a mesma coisa ou exprime sempre o mesmo conceito, e sobretudo qualquer que seja a definição do significado, porque tem sempre o mesmo significado" (Tullio de Mauro, op. cit.: 124).

Ou seja, o que faz de uma forma o que ela é, é sua ligação semântica com a coisa designada. Esta tese é central em Aristóteles, que baseia nela a objeção aos que não acreditavam no princípio da identidade.

Saussure tentará uma nova solução, diferente das duas anteriores. Dirá que o signo não é nem puramente significante nem puramente significado mas a união dos dois.

No capítulo sobre identidade sincrônica, no CLG, a primeira questão colocada é a de que pode haver identidade sem que haja a correspondência entre 'porções fônicas' e conceitos. Saussure diz que a palavra "Senhores!", por exemplo, sendo proferida repetidas vezes em uma mesma conferência, apresenta diferenças fônicas e de conceitos cada vez que é repetida. Mas, mesmo assim, continua-se com o sentimento de que há, entre essas várias realizações da palavra "Senhores" uma identidade. Então, se a identidade não está relacionada apenas a porções fônicas ou a conceitos, de forma isolada, continua a pergunta: o que faz a identidade lingüística?

Na tentativa de responder a tal pergunta, Saussure diz que todo o mecanismo lingüístico gira em torno não apenas de identidades mas, também, de diferenças, sendo uma a contraparte da outra. Para explicar esse mecanismo, Saussure compara a identidade lingüística à de dois expressos que saem todos os dias, de Genebra para Paris às 8h45min da noite e à de uma rua que foi arrasada e depois reconstruída, mas que continua sendo identificada como a mesma rua. A respeito da rua, ele diz que

"a entidade que constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha sua matéria ocasional, por exemplo sua situação relativamente às outras" (Saussure, 1996: 126)⁴.

Assim é que pode ser destruída e reconstruída e continuar sendo considerada a mesma rua. Com relação ao expresso, diz que o processo é semelhante, ou seja,

⁴ As citações ao CLG serão feitas à edição brasileira enquanto que as notas com os comentários de Tullio de Mauro, que não estão traduzidas para o português, estão sendo feitas como parte da edição francesa e constarão na bibliografia final no seu nome.

³ Data da edição original, em italiano.

"o que faz o expresso é a hora de sua partida, seu itinerário e em geral todas as circunstâncias que o distinguem de outros expressos" (Saussure, ibidem).

Assim sendo, "sempre que se realizem as mesmas condições, obtêm-se as mesmas entidades" (Saussure, ibidem).

Lembra ainda que não são entidades abstratas, pois só podem ser concebidas na sua realização material.

Portanto, identidade e diferença caminham juntas, já que o que faz com que um elemento possa ser identificado como semelhante a outros é a sua diferença em relação a tantos outros. Ele insiste que a identidade não está presente nem na materialidade nem no sentido, mas nas relações que são estabelecidas na língua. Diz que será na análise dessas relações que se poderá chegar bem perto da "verdadeira natureza das unidades lingüísticas" (Saussure, op. cit.: 127).

Questionando-se sobre a identidade dos elementos lingüísticos, Saussure chega a um ponto importante, a partir do qual formará sua idéia de sistema lingüístico, ou seja, o de que a identidade das formas lingüísticas não pode ser obtida através de elementos isolados. É apenas na sua relação uns com os outros que os elementos obtêm suas semelhanças e diferenças. É, então, em busca de respostas para a questão da identidade lingüística que Saussure elabora o que, na opinião de Tullio de Mauro (1969), é a mais célebre de suas teorias: a teoria do sistema ou a teoria do valor.

IV. O valor lingüístico

Para explicar a noção de valor, Saussure utiliza a metáfora do jogo de xadrez. Um cavalo, na sua realidade pura, por si só, fora da sua casa e das outras condições do jogo não é um elemento do jogo de xadrez. Segundo Saussure, ele só se torna um elemento real e concreto quando revestido de seu valor e fazendo corpo com ele. A peça poderá ser substituída por outra, mesmo que com aparência completamente diferente da sua, sem prejudicar o jogo,

"contanto que se lhe atribua o mesmo valor. Eis porque, em definitivo, a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidade" (Saussure, op. cit.: 128).

Na tentativa de explicar melhor a questão do valor, Saussure volta a uma outra já por ele colocada: a relação entre idéia e som. Para ele, as idéias não preexistem aos sons assim como nem idéia nem som preexistem fora do sistema. O pensamento não passa de uma massa amorfa e é a língua que o organiza.

Propõe, então, representar a língua em seu conjunto, ou seja,

"como uma série de subdivisões contíguas marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das idéias confusas e sobre o plano não menos indeterminado dos sons" (Saussure, op. cit.: 130).

A língua é, assim, vista como intermediária entre pensamento e som de forma que uma união (som/idéia) conduz, necessariamente, a delimitações recíprocas de unidades. Assim como não se pode cortar uma folha de papel sem cortar, ao mesmo tempo, seus dois lados (frente e verso), Saussure diz que não se pode isolar o som do pensamento e vice-versa.

Lembra a idéia de arbitrário do signo dizendo que não só os dois elementos (som/idéia – significante/significado) são, isoladamente, amorfos como a ligação entre eles é perfeitamente arbitrária. Se assim não o fosse, a noção de valor, segundo ele (op. cit.: 132), perderia algo de seu caráter, pois conteria algo que vem de fora.

Tullio de Mauro chama a atenção (nota 228, 1995: 464) para a redação do final do parágrafo no qual se lê: "Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a idéia e o som é radicalmente arbitrário." Ele dirá que este é um exemplo de redação infeliz do puro pensamento saussuriano, pois há, nesta redação, uma inversão de conseqüências de tal forma que fica entendido que o caráter arbitrário do signo advém da relatividade do valor. Mas é o contrário o que está presente nas fontes manuscritas. Ou seja, o caráter arbitrário vem primeiro, é ele que determina a relatividade do valor. Ele cita um trecho de Engler que não deixa dú-

vidas:

"Se não fosse o arbitrário não haveria relatividade na idéia de valor, existiria um elemento absoluto. Sem ele os valores seriam, em uma certa medida, absolutos. Mas visto que esta união é perfeitamente arbitrária os valores serão perfeitamente relativos" (Tullio de Mauro, ibidem).

Saussure diz que a noção de arbitrário deixa claro que é a coletividade quem estabelece os valores e que o indivíduo por si só não pode fixá-los.

Durante todo o capítulo, insistirá no fato de que assim como não se pode isolar o conceito do som, no signo lingüístico, não se pode, também, considerar o valor apenas no seu aspecto conceitual ou, por outro lado, apenas no seu aspecto material. Sendo assim, procura deixar claro que valor e significação são coisas bem diferentes, pois o valor de uma palavra

"não estará fixado enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser "trocada" por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor" (Saussure, op. cit: 134).

Diz que as palavras podem até ter a mesma significação, mas não terão o mesmo valor lingüístico. Assim, apresenta o valor como regido por um princípio paradoxal, pois ele é sempre constituído:

"1º por uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar;

2º por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa.."⁵ (Saussure, ibidem)

Vemos, claramente, um avanço na idéia de relações lingüísticas, pois depois de verificar que os elementos lingüísticos não podem ser compreendidos senão nas relações que mantêm uns com os outros, Saussure, especificando melhor sua noção de valor, diz que há nela um princípio paradoxal, isto é, duas

relações diferentes mas que estão, ambas, presentes, na noção de valor: uma que indica semelhanças e outra diferenças. Confirmando que estas relações são indissociáveis, Saussure dirá (op. cit.: 135) que o valor de qualquer termo depende do que está fora e ao redor dele. Este "fora", obviamente, não pode ser confundido com um fora da língua, idéia que Saussure faz questão de rejeitar quando reflete sobre a natureza do signo lingüístico. Na verdade, trata-se, como veremos mais adiante, de outros elementos da língua que poderiam substituir um certo elemento presente na cadeia sintagmática. Parece-nos, portanto, uma presença na ausência. O outro no mesmo?

Saussure insiste na idéia de que no sistema não se trata de idéias dadas previamente, mas de valores que dele emanam. Os valores são puramente diferenciais,

"definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são." (Saussure, op. cit.: 136)

Da mesma forma que defende que o valor não pode ser considerado apenas no seu aspecto conceitual, Saussure diz que o mesmo se dá com o seu aspecto material que não pode ser considerado separadamente, pois "o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação" (Saussure, op. cit: 137). Portanto, para ele está claro que quer se trate de conceito ou do aspecto material da língua, "jamais um fragmento de língua poderá basear-se, em última análise, noutra coisa que não seja sua não-coincidência com o resto" (Saussure, ibidem). Sendo assim, qualquer elemento da língua deve ser considerado como entidade opositiva, relativa e negativa.

Afirmar que na língua só existem diferenças sem termos positivos, equivaleria a dizer que

"quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema lingüístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema" (Saussure, op. cit: 139).

⁵ Os itálicos são do autor.

Na nota 240, Tullio de Mauro (op. cit: 466) esclarece que Saussure não utilizou o adjetivo fônico, mas fala de diferenças de significados e entre significantes, ou seja, entre classes de entidades abstratas.

Entretanto, Saussure alerta para o fato de que dizer que na língua tudo é negativo só é verdade se se tomar o significante e o significado em separado, pois o signo, em sua totalidade, é uma coisa positiva. Tullio de Mauro diz (nota 242, op. cit.: 466-467) que esta passagem é de grande importância teórica, pois dizer que o signo é uma realidade positiva é dizer que ele é uma entidade concreta. Mais que isso, segundo o autor (ibidem),

“subsiste entre os signos uma relação de oposição que Saussure tende a conceber como diferente da relação de diferença”.

Ainda,

“conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo” (Saussure, op. cit.: 140).

Portanto, a comparação dos elementos internos de um signo pode se dar em termos de diferenças, mas a que se faz entre os signos só pode ser chamada de opositiva.

Aplica, então, à unidade o seguinte princípio de diferenciação:

“os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade”

ou, ainda,

“Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade” (Saussure, op. cit.: 140-141).

Continuando com a sua idéia de que tudo na língua se baseia em relações, Saussure se pergunta como estas relações

funcionam. É assim que chega às relações paradigmáticas e sintagmáticas.

V. Relações sintagmáticas e paradigmáticas

Saussure começa sua reflexão sobre as relações que se estabelecem na língua, afirmando que as *diferenças* e *relações* entre termos lingüísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores.

Um primeiro tipo de relações são aquelas em que

“os termos estabelecem entre si em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após outro na cadeia da fala” (Saussure, op. cit.: 142).

São as relações sintagmáticas. São, portanto, relações opositivas as que os termos estabelecem entre si na cadeia sintagmática.

O outro tipo de relações que os termos estabelecem entre si na língua são as relações associativas ou paradigmáticas. Saussure dá a seguinte explicação:

“fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (Saussure, op. cit.: 143).

Diferenciando as duas relações, ele diz que

“a relação sintagmática existe in praesentia; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos in absentia numa série mnemônica virtual.” (Saussure, ibidem).

É fundamental, para a hipótese que estamos defendendo neste trabalho, a idéia da relação paradigmática **unir** termos na ausência. Ora, se assim o é, entendemos que podemos dizer que o termo que permanece, resta, na cadeia sintagmática, não apaga os outros termos da relação paradigmática, já que estes estão a ele unidos em uma espécie de “memória”, de “tesouro da

língua"?⁴ O que parece acontecer com frequência, nas leituras que são feitas de Saussure, é o esquecimento da relação paradigmática e a insistência em considerar o sistema lingüístico apenas no que diz respeito às relações que acontecem na cadeia sintagmática. O que significa, entre outras coisas, perder de vista que a "presença" que se observa nestas relações, como foi dito, guarda sempre, algo da "ausência" da relação paradigmática. Então, perde-se, na verdade, a concepção de sistema pensada por Saussure já que nele as duas relações, como veremos melhor mais adiante, são inseparáveis. Neste sentido, um parêntese importante parece ser necessário para lembrar que talvez uma das leituras que mais se aproxime da idéia de sistema, como a pensou Saussure, tenha sido feita não por um lingüista mas por um psicanalista: Lacan. Verificar, como já dissemos antes, cuidadosamente, as aproximações que podem ser feitas dos conceitos desenvolvidos pelos dois, talvez seja um caminho para se perceber melhor a própria idéia desenvolvida por Saussure. Com relação, por exemplo, às relações que se estabelecem na língua, Lacan comenta que,

"se, com efeito, é necessária a linearidade que F. de Saussure considera constitutiva da cadeia do discurso, em conformidade com sua emissão por uma só voz e na horizontal em que ela se inscreve em nossa escrita, ela não é suficiente" (Lacan, 1998: 506).

Não sendo suficiente, portanto, a relação sintagmática, Lacan viu ser necessário remeter ao Saussure dos Anagramas para perceber a relação paradigmática e poder, então, dizer que

"não há cadeia significativa, com efeito, que não sustente, como que apenso na pontuação de cada uma das suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical, por assim dizer, desse ponto" (LACAN, op. cit.: 507).

Voltemos a Saussure que é a base para nossas reflexões no presente trabalho.

A comparação que Saussure faz entre os dois mecanismos da língua e uma coluna enquanto parte de um edifício (op. cit.: 143) parece-nos deixar clara a necessidade de estarem as

⁴ Os termos entre aspas são usados por Saussure (op. cit.).

duas relações (paradigmáticas e sintagmáticas) presentes na análise de uma estrutura lingüística. Segundo ele,

"a coluna se acha, de um lado, numa certa relação com a arquitrave que a sustém; essa disposição de duas unidades igualmente presentes no espaço faz pensar na relação sintagmática; de outro lado, se a coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com outras ordens (jônica, coríntia etc.), que são elementos não presentes no espaço: a relação é associativa" (op. cit.: 143).

Esclarecendo melhor como seriam as relações associativas, Saussure (op. cit.) diz que elas são variadas e podem se dar tanto com relação ao sentido e à forma, juntos, como apenas com a forma ou com o sentido de forma separada. Dá o exemplo de *ensino*, *ensinamento* e *ensinemos*, cuja associação se dá pela forma (o radical que é comum nas três palavras); por outro lado, palavras como *ensino*, *instrução*, *aprendizagem*, *educação*, teriam uma associação ligada aos seus significados. Seja como for,

"uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra" (Saussure, op. cit.:146).

É importante observar que embora a relação paradigmática pareça apresentar-se ilimitada, já que as associações que suscitam uma palavra, segundo o próprio Saussure, "não se apresentam nem em número nem numa ordem determinada" (Saussure, ibidem), esta falta de limites só se dá se esta relação for pensada separadamente. Se pensada como parte das relações que se estabelecem no sistema lingüístico, entendemos que haverá, sempre, o limite imposto pelas relações sintagmáticas. O que nos mostra, mais uma vez, o perigo de se ver apenas uma das relações independente da outra. Parece-nos que durante suas reflexões, desde a natureza da signo lingüístico, passando pela idéia de identidade, de valor e chegando às relações sintagmáticas, podemos perceber Saussure tentando mostrar que as duas relações acontecem, na língua, ao mesmo tempo, de forma inseparável. E isto seria exatamente o que faz com que uma língua seja como tal reconhecida.

Importante também é observar que, ao fazer referência às relações paradigmáticas, Saussure diz que elas se dão “fora da língua”. Se voltarmos à idéia de arbitrariedade entenderemos que este fora não se dá com relação a um referente externo à língua (como talvez a expressão – infeliz na minha opinião – deixe resvalar), mas a um elemento que, mesmo estando fora da cadeia sintagmática, está marcado na memória de um outro elemento nela presente, ou seja, um elemento que pertence ao sistema da língua e só pode ser considerado como “fora” se relacionado às relações sintagmáticas. O que nos leva a crer que considerar as duas relações como inseparáveis pode, inclusive, esclarecer melhor questões que ficaram, segundo a opinião de alguns estudiosos⁷, confusas nas reflexões de Saussure.

Após a discussão sobre cada mecanismo da língua, em particular, Saussure coloca com mais clareza a relação entre os dois, descrevendo-a como um funcionamento simultâneo. Ele diz (op. cit.: 149) que

“entre os agrupamentos sintáticos assim constituídos, existe um vínculo de interdependência; eles se condicionam reciprocamente. Com efeito, a coordenação no espaço contribui para criar coordenações associativas, e estas, por sua vez, são necessárias para a análise das partes do sintagma”.

Parece-nos claro que as coordenações no espaço (associações sintagmáticas) e as associativas (paradigmáticas) funcionam em um mecanismo de interdependência.

Para exemplificar essa idéia de interdependência entre as relações que se dão em um sistema lingüístico, Saussure (op. cit. P. 150) analisa duas palavras: *desfazer* e *quadruplex*. Mostra que *desfazer*, por exemplo, pode ser representada em uma faixa horizontal e decomposta em duas unidades: *des / fazer* que suscitam séries associativas do tipo:

DES	-	FAZER
↓		↓
descolar		fazer
deslocar		refazer
descoser		contrafazer
etc.		etc.

Estas séries associativas, segundo Saussure (ibidem), “flutuam em derredor” de *desfazer* possibilitando que ela seja decomposta em unidades, ou melhor, possibilitando que possam acontecer as relações sintagmáticas. Portanto,

“desfazer não seria analisável se outras formas contendo des ou fazer desaparecessem da língua; não seria mais que uma unidade simples e suas partes não poderiam opor-se uma à outra” (SAUSSURE, ibidem).

Lembramos que Saussure diz que esta análise se aplica não apenas à palavra (como o exemplo pode indicar), mas a frases de todos os tipos (op. cit.: 151).

O exemplo, aqui, deixa apenas ver um tipo possível de relação associativa que é a que se dá entre significantes. Anteriormente vimos que as associações podem ser de vários tipos. Importante, entretanto, é observar que a associação está presente no sintagma e que uma estrutura lingüística não pode prescindir da análise das relações associativas que apontam sempre para uma ausência de certa forma presente no discurso. É claro que essa ausência guarda sempre algo de inapreensível, pois, como foi dito anteriormente, as relações associativas são ilimitadas. Entretanto, devo insistir que alguns limites são estabelecidos na cadeia sintagmática e são esses limites, as presenças na cadeia sintagmática, que poderão permitir a apreensão, embora sempre parcial, da falta. Mais uma vez, lembro o que reivindica Pêcheux (1990b) para a AD enquanto disciplina interpretativa: a presença de um real que não pode ser apreendido como um todo, mas que existe produzindo efeitos.

Saussure diz que temos uma “memória” com todos os

⁷ Michel Arrivé (op. cit.) é um dos que questiona a noção de arbitrariedade, dizendo que ela não está ainda suficientemente demonstrada e, por isso, deve ter um caráter secundário na obra de Saussure, apenas como um princípio que serve para introduzir um outro: o de valor lingüístico.

tipos de sintagmas e que, quando precisamos empregá-los, fa-
zemos intervir grupos associativos para fixar nossa escolha.
Trata-se, ao mesmo tempo, de um procedimento de fixação e de
escolha, em uma operação que “consiste em eliminar mental-
mente tudo quanto não conduza à diferenciação requerida no
ponto requerido” (op. cit.: 151), na qual os agrupamentos asso-
ciativos e os tipos sintagmáticos estão ambos em jogo. Parece-
nos, então, que o mecanismo assim descrito, das relações sin-
tagmáticas e paradigmáticas, indica uma certa organização nas
relações associativas e a possibilidade de que algo desta relação
possa ser recuperado na análise de um segmento. Além disso,
vemos, mais uma vez, que as relações associativas e sintagmáti-
cas acontecem juntas em um sistema lingüístico e que ambas
participam do processo de “seleção”, de restrição do elemento
lingüístico na cadeia paradigmática. Portanto, um elemento ao
ser escolhido, dentre outros, na memória lingüística, passa pela
restrição dos grupos associativos, como o diz Saussure e tam-
bém pela restrição da cadeia sintagmática onde estará em rela-
ção opositiva com outros elementos da língua. Saussure deixa
esse ponto bem claro quando diz que os elementos lingüísticos
serão escolhidos ao cabo de uma operação mental dupla: uma
de oposição sintagmática e outra de oposição paradigmática.

Gostaríamos, finalmente, de trazer um pouco mais de
Saussure e da sua noção de sistema, resgatando algumas das
reflexões feitas por ele quando dos estudos sobre os anagramas.
Tal resgate não se fará, como podemos observar em alguns es-
tudos, de modo a trazer um “outro” Saussure, mas, ao contrá-
rio, o “mesmo” que temos mostrado neste trabalho, ou seja,
aquele que ao se preocupar com a procura de uma identidade
lingüística, chega à noção de sistema lingüístico e a um esboço
das relações que se dão em tal sistema. Preferimos, então, enca-
rar os estudos sobre os anagramas como o faz Starobinski (1974:
9), ao se perguntar

*“se as dificuldades encontradas na exploração da longa diacronia
da lenda, e curta diacronia da composição anagramática, não con-
tribuíram, como reação, para incitar Saussure mais resolutamente
ao estudo dos aspectos sincrônicos da língua”.*

Lembra que o Curso de Lingüística Geral, exposto entre
1907 e 1911, é em boa parte posterior à pesquisa sobre os ana-
gramas. Vale dizer que nosso objetivo não é demonstrar esta
continuidade, na qual acreditamos, do pensamento saussuria-
no, dos anagramas até o Curso, mas mostrar que desde sempre
a questão das relações que se estabelecem dentro de um sistema
lingüístico estava presente para Saussure e que, nessas relações,
a figura de um ausente sempre presente também era dominan-
te.

VI. Os anagramas: o texto sob o texto

Uma primeira consideração que nos chama a atenção é a
que Saussure faz ao diferenciar língua e discurso. Segundo ele,
na língua os termos estariam disponíveis ao falante mas não,
necessariamente, encadeados. É no discurso que se dá o enca-
deamento dos termos de forma significativa. Nas palavras de
Saussure (apud Starobinski, op. cit.: 12),

*“o discurso consiste, ainda que de modo rudimentar ou por cami-
nhos que ignoramos, em afirmar um elo entre dois dos conceitos
que se apresentam revestidos de forma lingüística, enquanto a lí-
ngua previamente apenas realiza conceitos isolados, que esperam
ser relacionados entre si para que haja significação de pensamen-
to”.*

Parece-nos que aqui já há um prenúncio do que viriam a
ser as relações paradigmáticas – aqui vislumbradas na língua –
e as sintagmáticas – vistas aqui no discurso.

Quando fala a propósito da lenda, do símbolo, Saussure
(apud Starobinski, op. cit.: pp.13-14) diz que

*“todo símbolo, uma vez posto em circulação – ora nenhum sím-
bolo existe senão porque é posto em circulação – é neste instante
mesmo absolutamente incapaz de dizer em que consistirá sua
identidade no instante seguinte.”*

Vemos aqui colocadas, mais uma vez, as relações sin-
tagmáticas e paradigmáticas e uma outra, constitutivamente
ligada a essas, que é a de identidade. Na verdade, acreditamos

que é a noção de língua enquanto sistema que começa a ser desenhada através dessas reflexões de Saussure.

Um outro trecho (Starobinski, op. cit: 16) aproxima as leis da lenda às da língua, dizendo que

"aquilo que faz a nobreza da lenda como a da língua é que, condenadas uma e outra a se servir apenas de elementos colocados diante delas e com um sentido qualquer, elas os reúnem e tiram deles continuamente um sentido novo."

Interessante observar que Saussure começa comparando língua e discurso, como vimos mais acima, e, naquele momento, diz que a língua apenas apresenta conceitos isolados, deixando para o discurso o papel de organizador destes elementos. Entretanto, ao aproximar as leis da lenda às da língua, diz que a língua (assim como a lenda) tem a função de "organizadora" dos elementos. Parece-nos, então, que o mesmo conceito usado para discurso passa a ser o de língua, com ênfase na função de organização. No CLG, a nomenclatura usada é *língua*. Entretanto, além da função reguladora (organizadora), Saussure observa que, nas relações que se estabelecem na língua, há também algo que, não podendo ser apreendido como um todo, foge sempre à organização.

Starobinski (op. cit.: 18-19) comenta um texto de Saussure intitulado recapitulação, com as seguintes palavras:

"o termo hipograma ou anagrama não aparece ainda, mas é exatamente disto que se trata. Entre as rasuras, uma das mais significativas concerne ao antecedente da palavra TEMA; Saussure primeiro escreveu TEXTO depois riscou essa palavra para substituí-la por TEMA. Ele portanto pensou num texto sob o texto, num pré-texto, no sentido lato do termo."

Neste comentário de Starobinski vemos um dado dos mais importantes da pesquisa sobre os anagramas, ou seja, o "texto sob o texto" que nos parece ser a idéia exata que será reaproveitada na noção de relação paradigmática dentro da noção de valor. Afinal, qual é a função do paradigma senão esta de existir no sintagma não como um vazio absoluto, uma falta que nunca poderá vir a ser, mas como um texto presente (mesmo na ausência) no outro texto que se afirma no sintagma. Por

sua vez, o sintagma nada mais seria senão uma presença cheia (plena) de ausência (paradigma).

O trecho abaixo é um dos muitos nos quais Saussure trabalha com a análise anagramática. Nele é interessante observar indícios da noção de valor, depois aplicada no CLG.

"Um T-inicial (tela) e um T-final (habet) não vale absolutamente nada se permanece isolado: ele adquire valor unicamente em razão da inicial-final que o segue, ou o precede, com a qual ele pode formar um difono como -A-T ou como T-A- como -R-T ou como T-R-. Fora deste complemento seu valor é nulo" (Starobinski, op. cit.: 35).

Sobre o anagrama, duas considerações de Starobinski são particularmente importantes para o nosso objetivo neste trabalho. A primeira é a que diz que (Starobinski, op. cit.: 43)

"o mecanismo alegado por Saussure não é nada mais que uma relação de identidade entre a seqüência dos fonemas do suposto hipograma e alguns dos fonemas dispersos no verso integral. Trata-se, simplesmente, de uma duplicidade, de uma repetição, de uma aparição do mesmo sob a figura do outro".

A segunda consideração que, de certa forma, completa e amplia a primeira é a de que "desenvolvido em toda a sua amplitude, o anagrama torna-se um discurso sob o discurso" (Starobinski, op. cit.: 55).

Uma imagem interessante é proposta pelo autor (op. cit.: 106-107) a respeito da pesquisa de Saussure:

"uma sucessão assindética de nomes e de paradigmas corria sob o discurso poético, como os pilares de uma ponte sustentam a cobertura que sobre eles repousa. Esta comparação, para ser exata, deve ainda postular que os pilares e a cobertura são formados da mesma matéria."

Vale lembrar que essa metáfora da ponte é bem semelhante à da coluna, analisada enquanto parte de um edifício, que Saussure usa, como vimos anteriormente, para explicar a relação de interdependência entre as relações sintagmáticas e paradigmáticas, o que nos faz sugerir mais uma vez a continui-

dade de seu pensamento e, mais importante talvez que isso, a presença constante do "outro" no "mesmo" que entendemos marcar a sua compreensão de sistema lingüístico.

Para o autor, há uma conclusão implícita em toda a obra de Saussure, relacionada aos anagramas:

"as palavras da obra se originaram de outras palavras antecedentes, e que elas não são diretamente escolhidas pela consciência formadora." (Starobinski, op. cit.: 107).

Portanto, o que existe, imediatamente atrás do verso, não é o indivíduo criador mas a palavra indutora. O que nos parece conduzir à idéia de arbitrariedade do signo na sua mais simples versão, ou seja, a de que o signo não depende de um árbitro, de um indivíduo criador, pois sua identidade está marcada dentro do sistema, na sua relação com os outros signos.

Quanto ao que poderia ser considerado como erro de Saussure, nesses estudos, Starobinski (op. cit.: 108) diz que:

"teria sido o de ter colocado, tão nitidamente, a alternativa entre "efeito do acaso" e "procedimento consciente". Por que não dispensar, no caso, tanto o acaso como a consciência? Por que não se veria, no anagrama, um aspecto do 'processus' da palavra - processo nem puramente fortuito nem plenamente consciente? Por que não existiria uma interação, uma palilalia geradoras que projetariam e redobriariam, no discurso, os materiais de uma primeira palavra, ao mesmo tempo não pronunciada e não calada? Por não ser uma regra consciente, o anagrama pode, contudo, ser considerado como uma regularidade (ou uma lei) em que o arbitrário da palavra-tema é confiado à necessidade de um processo."

Penso que este possível "erro" foi devidamente superado por Saussure, se pensarmos em uma certa continuidade do seu pensamento, nas reflexões que deram origem aos diversos cursos de lingüística por ele proferidos e na publicação do CLG pelos seus alunos.

VII. Considerações finais:

Neste artigo, procuramos analisar cuidadosamente os conceitos saussurianos de identidade lingüística, valor e relações paradigmáticas e sintagmáticas, com o objetivo de mostrar que na reflexão sobre tais conceitos já podemos encontrar uma compreensão de língua enquanto sistema que serve aos propósitos colocados por Pêcheux para uma terceira fase da Análise de Discurso de linha francesa.

Como vimos, Saussure apresenta a língua como um sistema no qual as relações acontecem *in presentia*, na cadeia sintagmática, de forma linear, através da oposição entre os seus elementos e, *in absentia*, na cadeia paradigmática, através de suas semelhanças. Esta ausência, marca da cadeia paradigmática, está presente no elemento colocado na cadeia sintagmática como uma espécie de "memória". Vimos, ainda, que essas relações não acontecem separadamente mas que uma depende da outra. Assim é que o processo de seleção, que se passa na cadeia paradigmática, só pode acontecer com base nas relações opositivas que se dão na cadeia sintagmática. Observamos, também, que a reflexão sobre as relações que se dão em um sistema lingüístico nasce com o questionamento que Saussure faz acerca da identidade lingüística, o que o leva à conclusão de que tudo na língua se dá segundo relações de identidades e diferenças, sendo uma a contraparte da outra. Neste momento, chega à idéia de valor lingüístico e ao detalhamento dessas relações. Vê-se, portanto, claramente, nos estudos saussurianos, uma linha de reflexão que vai desde a questão da identidade até a das relações que acontecem em um sistema lingüístico.

Com a apresentação de algumas reflexões feitas por Saussure durante seus estudos acerca dos anagramas, pudemos observar que aparece a mesma idéia, embora ainda muito embrionária, de um sistema que é regido por relações de diferenças e identidades.

Pareceu-nos, portanto, que nestes primeiros estudos pode-se encontrar todo o início dos questionamentos de Saussure acerca dos conceitos aqui trabalhados.

A escolha dos conceitos saussurianos discutidos no presente trabalho deu-se, principalmente, pelo fato de considerarmos que com eles podemos mostrar o nosso ponto central, ou

seja, aquele de que o conceito de língua que Pêcheux desejava que fosse a base para os estudos de uma terceira fase da AD não estava onde ele supunha – em Lacan e Jakobson – mas, mais anteriormente, no mestre dos dois: Ferdinand de Saussure. Entendemos que compreender isto é um primeiro passo para que a AD possa definitivamente enfrentar o desafio das mudanças que o próprio Pêcheux apontou para ela.

O caminho que se abre a partir daí é, sem dúvida, não apenas o da terceira fase da AD mas, também, o de um reencontro da lingüística com o seu mestre, com uma revisão e aprofundamento de seus conceitos. Com um Saussure que não é o mesmo de muitas das leituras feitas por lingüistas – que reduzem suas reflexões ora ao estudo do signo de forma isolada ora ao trabalho com o sintagma como única realidade possível para a língua, descartando as relações paradigmáticas – mas que, também, talvez não chegue a ser outro senão aquele cujas reflexões serviram de base para o movimento estruturalista na França, influenciando toda uma geração e fazendo com que a lingüística fosse reconhecida como ciência-piloto.

Outro aspecto importante desse possível reencontro da lingüística com o mestre genebrino é que ele deve se dar não com o fechamento das portas de uma ciência que só consegue olhar para si ou que acha que tudo pode resolver sozinha. Se assim o for, ter-se-á, mais uma vez, caído no erro histórico do marxismo apontado por Pêcheux (1990b), aquele de ter se fechado e evitado contrair relações com outras ciências.

Penso, finalmente, que o caminho da AD, nesse momento, cruza com o da lingüística e com o da psicanálise lacaniana e que na sua base está o conceito de língua enquanto sistema, desenvolvido por Saussure.

Referências Bibliográficas

- ARRIVÉ, Michel (1994). *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient: Freud Saussure, Pichon, Lacan*. Paris: Presses Universitaires de France.
- DOSSE, François (1993). *História do Estruturalismo: o campo do signo*. Trad. bras. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio.
- LACAN, Jacques (1998). "A instância da letra no inconsciente". In: *Escritos*. Trad. bras. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LEITE, Nina Virgínia de Araújo (1994). *Psicanálise e Análise do Discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Mático.
- MAURO, Tullio de (1969). *Une introduction à la sémantique*. Paris: Payot.
- _____ (1995). "notas". In: SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de Linguistique Générale*. 4ª ed. Paris: Payot.
- PÊCHEUX, Michel (1990a). "A análise do discurso: três épocas". In: GADET & HAK (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. bras. Bethania S. Mariani. São Paulo: UNICAMP, 1990.
- _____ (1990b). *Discurso: estrutura ou acontecimento?*. Trad. bras. Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Pontes.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25ª ed. São Paulo: Cultrix.
- STAROBINSKI, Jean (1974). *As palavras sob as palavras*. Trad. bras. Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva.